

MAIS ALTO

2ª Série

Administração
Redacção e
Direcção

Centro Paroquial de
Vila Chã
4740 ESPOSENDE

Nº 35 Setembro
1980/Mensal



Propriedade da Comunidade Paroquial de Vila Chã - Esposende

A PROPÓSITO

ESTIMADOS LEITORES

Não vamos repetir, aqui e agora, o que dissemos, há precisamente um ano e que apareceu, em letra redonda, no nº 26 de "MAIS ALTO" (2ª Série). O que há um ano dissemos está dito. Para lá remetemos o leitor atento e interessado.

É que mais um ano, 13 anos ao serviço desta Comunidade, levam-nos, forçosamente, a refletir, dentro da coerência que sempre tem norteado o nosso agir, pela qual temos lutado e desejaremos sempre lutar, para assim viver, ainda que possa ser doloroso. Não admitimos em nós, assim como nos outros, ambiguidades.

Em razão da coerência, põe-se sempre o problema da utilidade. Ser útil. Mais que útil, ser conveniente.

Treze anos de serviço, em permanente alerta e sentido, provocam em quem quer que seja, ainda que santo e inteligente, (que não é o caso, com o humilde o dizemos, o que agrava a situação) provocam, dizíamos, uma saturação tal, que convidam, em nome da coerência, a um "render de parada".

Se alguma coisa fizemos, se alguma coisa demos, foi tudo de sómos importância. Pelo que recebemos, pelo muito que recebemos, razão temos para muito agradecer.

(Continua na pag. 2)

2 A PROPÓSITO

Agradecer a todos quantos, ao longo destes 13 anos, deram a sua colaboração servindo na Fabriqueira, nas Confrarias, nas mordomias; agradecer aos que trabalharam na catequese e juventude, nas festas recreativas e nos espectáculos culturais; agradecer às crianças inocentes que sempre sorriram e continuam a sorrir, aos jovens irreverentes, sinceros e amigos, aos pais e mães que se preocuparam em educar cristãmente os seus filhos; agradecer aos doentes que nos ensinaram a apreciar os tesouros da outra face da vida, aos pobres que nunca conseguimos promover, aos velhinhos a quem, sempre, gostaríamos de ver bem tratados.

Agradecer aos que nunca, ou alguma vez não nos compreenderam, aos que são, e sempre, estiveram dispostos a dizer mal de tudo e nada fizeram para se conseguir melhor; agradecer aos que nos mentiram, atraíram, vigiaram, caluniaram - porque todos nos ensinaram a conhecer o que são "os homens por dentro", e a pôr a tolerância e compreensão, acima da exigência e condenação.

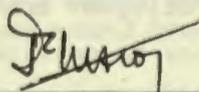
Mas agradecer, muito especialmente, e do fundo do coração, aos que foram sempre, e vão continuar a ser, AMIGOS - porque o "AMIGO", ou nunca o foi, ou nunca mais deixará de o ser.

Treze anos.

-Satisfeitos com o trabalho realizado?

-Conscientes, sim, do muito que se poderia ter feito. Reconhecemos que todo este tempo, vivido ora com mais ou menos entusiasmo, com mais ou menos trabalho, com mais ou menos dedicação, fez-nos conhecer demasiado, e por isso é evidente entre nós um desgaste e saturação tal que exige, para uma nova etapa de progresso e crescimento, uma certa mudança.

" Que mudança ? Eis a questão.



ASSALTO

Na noite de quinta para sexta, dia 18/19, o Jardim Infantil foi assaltado. Os assaltantes eram fraquinhos. Apenas comeram marmelada das crianças e beberam vinho do Porto. Mais gulosos que gatunos.

É fácil saber quem foi. Isto é um alerta. Cuidado, que atrás irãõ outras coisas.

Senhores gatunos... não continuem...

ALIMENTAÇÃO 3

A alimentação faz-nos pequenos ou grandes, imbecis ou inteligentes, frágeis ou fortes, apáticos ou intervenientes, insociáveis ou capazes de saudável convivência; mata-nos cedo, ainda em embrião no ventre materno, ou tarde, no ocaso de uma vida plena.

Educação, casa, enquadramento habitacional, condições físicas e emocionais de trabalho, ocupação de tempos livres, vestuário, oportunidade e qualidade de tratamento médico constituem outros factores ambientais que modelam a qualidade de vida do Homem, tal como a alimentação.

Mas, em plano biológico, talvez o regime alimentar seja o mais importante de todos os factores externos; no fundo, somos aquilo que comemos.

A alimentação é um dos factores ambientais que mais interfere na qualidade e na duração da vida humana.

Quando escasseiam alimentos, como acontece de forma crónica em certas regiões da terra, regiões de fome, a morte chega cedo e as pessoas envelhecem precocemente, depois de terem passado os poucos anos da sua vida presas das doenças e sem terem tido sequer possibilidade para se desenvolverem física e intelectualmente de maneira completa e harmoniosa.

Quando faltam alimentos em quantidade necessária, o organismo não cresce nem se desenvolve completamente, quer durante a vida intra-uterina, quer durante a infância e adolescência; não cria defesas para lutar contra agressões do ambiente e não consegue manter em ritmo de actividade biológica que o impeça de envelhecer em poucos anos. Por outras palavras - onde há fome, o Homem não atinge a maturidade possível, vive doente e morre cedo.

Sabe-se que as grandes diferenças de comportamento social atribuídas a condicionantes étnicas e culturais são muito mais consequência de falta crónica de alimentos nesses grupos humanos.

Mas, para que uma alimentação seja correcta, racional, não interessa apenas que seja suficiente a quantidade de alimentos, quer dizer, o valor energético da ração. Interessa igualmente a sua qualidade. Comer bem também não é comer muito, embora variadamente. Qualquer excesso alimentar não defende melhor as pessoas nem lhes dá mais saúde; prejudica-as.

Comer bem, correctamente, racionalmente, é comer o suficiente (nem de mais, nem de menos) de modo que as crianças se desenvolvam física e intelectualmente e cresçam sem engordarem, que os adultos mantenham o peso ideal e que, uns e outros sintam bem estar, boa capacidade para o trabalho e para demais formas de vida, de relação, resistência às doenças, e pujança física, intelectual e afectiva durante o maior número possível de anos. Para isso é preciso dispor de alimentos com tal variedade que pelo seu consumo sempre diferente, o organismo receba equilibradamente todos os princípios nutritivos de que precisa. É igualmente indispensável que não se comam e bebam nem tóxicos, nem alimentos inquinados com venenos, com micróbios e com agentes transmissores de doenças.

Helena

Cuide da sua saúde. Saiba comer. Faça uma alimentação racional.

A alimentação e o movimento são a base da saúde.

O álcool não alimenta, não dá força, nem protege o organismo contra nada, nem contra o frio.

Dentro em breve, vai mais uma vez entrar em actividade o nosso Jardim Infantil. Mais um ano ao serviço das crianças, de todas as crianças da nossa terra. Este ano verificou-se uma certa dificuldade na colocação de Educadoras, pois que as que aqui tem trabalhado, concorreram, com todo o direito e justiça, a educadoras do MEC. De facto há uma grande discriminação, quer em vencimentos, quer em contagem de tempo de serviço, das que servem o MEC (Ministério da Educação) e as que servem o MAS (Ministério dos Assuntos Sociais). O nosso Jardim sente essas dificuldades, porque está ligado ao MAS. Mais que uma vez as Instituições tem reclamado tal discriminação, mas as instâncias superiores, a nível governamental, encontram-se surdas. Surdas até um dia que esperamos não seja tarde.

Apesar de tudo, vamos recomeçar, para mais um ano. Conta o nosso Jardim, este ano, com apenas 39 crianças, (o ano transacto eram 55), distribuídas por duas salas. Foram colocadas ao serviço como educadoras Maria dos Prazeres Gomes Ricardo da Silva e a professora primária Cândida da Silva Ramos, continuando como empregada a Maria Lúcia Barbosa da Silva.

Dificuldades ? No fim do ano far-se-á o balanço.

Mas desde já, e também daqui, lançamos o apelo aos pais, para que colaborem. O Jardim é dos filhos deles. Reparos e críticas, porque será necessário fazê-las, devem ser feitas a quem responsável, ou à direcção ou às Educadoras. Só se corrigem defeitos, quando deles temos conhecimento. Não é solução ver defeitos e não os comunicar, e pior ainda retirar as crianças, levá-las para casa, sem dar a conhecer, a quem quer que seja, os motivos de tais atitudes. Nem é solução, nem educação.

Se todos assumirem as suas responsabilidades de educadores, tudo correrá bem. Assim o esperamos.

CATEQUESE

Foi lançado um apelo, como nos anos transactos, para que surjam 15 a 20 pessoas, com mais de 16 anos, homens ou mulheres, casados ou solteiros, disponíveis, com formação moral suficiente e o mínimo de conhecimentos para que sirvam durante este ano a obra da catequese. É assunto sério, por isso se exige pessoas conscientes.

Até ao dia 20 de Setembro esperamos que tenham aparecido.

MOVIMENTO RELIGIOSO

5

RECEBERAM O SACRAMENTO DO BAPTISMO

Agosto 15 - MARTA, filha de Anselmo Lopes de Boaventura e de Laurinda de Sã Ferreira de Boaventura.

DANIEL, Filho de Fernando Pires da Torre e de Amélia Roça Baltazar.

FILIPE, irmão gêmeo do anterior.

ROBERTO CARLOS, filho de Serafim Almeida da Silva e de Caminda da Silva Couto.

MARIA DE FATIMA, filha de João Barbosa dos Santos e de Maria do Sameiro Miranda Gonçalves.

Agosto 17 - MARCO, filho de José da Silva Lemos e de Rosa dos Anjos Ribeiro Fernandes.

MARIA ARMANDA, filha de Manuel Neto Afonso e de Maria de Fátima Pinheiro Neves.

SARA MARGARIDA, filha de José Lourenço da Silva Neiva e de Maria Albina Capitão Abreu.

Agosto 31 - CLAUDIA PATRICIA, filha de Arlindo dos Santos Fernandes e de Amélia Boaventura da Silva

Setembro 7- JOSÉ CARLOS, filho de Adão Sampaio de Boaventura e de Maria Emília da Silva Penteado Boaventura.

BRUNO RAFAEL, filho de Manuel Jorge Ramos de Lemos e de Maria de Fátima Chaves Marrucho

LAURENTINA, filha de Antônio Gonçalves da Silva e de Amélia Pereira Branco

ELISABETE, filha de Manuel de Carvalho Costa e de Maria Emília Torre de Sã.

Setembro 13-MÁRIO JORGE, filho de Domingos do Vale Santos e de Germano Couto Pires

UNIRAM-SE PELO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Agosto 16 - JAIME COUTO FERNANDES e MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO PEREIRA, ele natural e residente nesta freguesia, ela residente nas Marinhas. Foram viver para as Marinhas.

- ABEL DA CRUZ FERNANDES e MARIA AMÉLIA FERREIRA CRUZIO, ele natural de Palmeira, ela de Vila Chã. Ficaram a residir em Vila Chã.

Agosto 23 - ANTÔNIO ELÍDIO GONÇALVES DE Sã, natural de Palme e MARIA EMÍLIA BARBOSA PIRES DA SILVA, natural de Vila Chã.

- ANTÔNIO LIMA DE Sã, natural de Curvos e ALZIRA SAMPAIO RIBEIRO, natural de Vila Chã.

- CARLOS EDUARDO MENEZES GONÇALVES, residente em Alvarães e MARIA LÚCIA DA SILVA PIRES MIRANDA GONÇALVES, de Vila Chã

Apresentação

Esta freguesia não terá tantos atractivos que terão outras freguesias, mantêm em contrapartida, belas paisagens «que recreiam, a vista e dilatam o espírito». Na Primavera é soberbo e magnífico o panorama que se observa de diversos pontos da freguesia como sendo do Alto da Cerca, ou da Serra, não esquecendo contudo a panorâmica que se vê do local mais agradável e sadio do concelho ou seja o Monte de S. Lourenço.

O Monte de S. Lourenço fica situado a poente da freguesia no limite com a de Marinhas. No cimo deste Monte existe uma penedia em que no seu topo está uma capelinha onde é venerado o mártir do mesmo nome. O acesso a este monte é feito pela íngreme estrada, mas em que o cansaço dessa subida é superado pelo surpreendente panorama que se desfruta desse aprazível local. Daí a paisagem é admirável, é digna do mais belo quadro, e própria para voos de pintor. Virados ao poente, todos aqueles campos verdes que se banham no Atlântico, perdendo-se a vista no azul deste imenso oceano. O Cávado com a sua foz, a praia do Suave-Mar, a vila de Esposende, os cavalos de Fão, enfim um nunca mais acabar de belas paisagens que deste local se oferece a todos os visitantes. Para nascente, os moínhos de S. Félix, a Franqueira, bem lá ao longe o Sameiro e o Bom Jesus do Monte e como irmãos gémeos de S. Lourenço temos ao seu lado direito o monte do Facho e da esquerda o monte do Faro.

Você que não conhece as belas paisagens do Minho, suba até Vila Chã e contemple o que de mais bonito poderá encontrar na região.

Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias: Evolução histórica

Como todos os locais, também Vila Chã tem a sua parte num passado histórico, passado esse que nos pode lançar num período bem remoto, indo ao encontro das civilizações mais arcaicas desta zona.

É bastante difícil e quase que impossível dizer qual a origem desta aldeia. É no entanto curioso salientar quais os períodos que marcaram a sua história, e quais os vestígios desses mesmos períodos. Seguindo uma ordem cronológica, começarei por focar os inúmeros testemunhos da época megalítica onde aqui e ali, podemos deparar com grandes dolmens, que aqui são conhecidos por mamôas, ou mamuinhas e que não faltam topónimos a comprovar este tipo de monu-

A existência desses monumentos não poderá provar que terá havido uma população fixa pois que dizem respeito a povos nómadas, que teriam por actividade o pastoreio, servindo no entanto para justificar que também nessa época já estes solos conheceram a actividade humana.

Dando um salto de alguns milénios, iremos situar-nos no período pré-romano onde o castro de S. Lourenço é verdadeiro testemunho da fixação de povos nesta aldeia e que segundo Martins Sarmento «entre as ruínas de Vila Chã e as de Vigo há só a diferença de dimensões. Oviens Spaconun era uma povoação de primeira ordem, enquanto que a de S. Lourenço só por favor pode ser considerada de segunda».

APOIAMENTOS SOBRE

VILA-CHÃ

por: Manuel Albino Penteado Neiva

(LICENCIADO EM HISTÓRIA)

de terras os de três ordens de muralhem como vestígios de constr. de casas quer do tipo redondo quer do tipo quadrangular aparecem com frequência de cerâmica do tipo mais preto (castreja), bem como cer. da época da ocupação romana como sendo por exemplo Milata. Em redor de Vila Chã faltam os topónimos a provar a existência de mais vest. deste género como sendo Castelo, Castrelinho, Cerca, etc.

Com o fim do romano e o domínio das tribos, vemos florescer uma cultura que veio marcar toda a zona quer a nível de topografia quer mesmo a nível de usos e costumes.

É durante a romanização que se dão as mudanças e que novas técnicas são aplicadas na agricultura e que com que zonas montanhosas antes habitadas sejam trocadas por zonas de cultivo. É a frequência que em zonas de povo, situadas no seio da freguesia aparecem vestígios de época romana como sendo cerâmica, cerâmica de necrópole, bem como tegulae e mesmo constr. que facilmente se podem distinguir dessa época (cubelos). É portanto na toponímia local que pode notar essa influência, e são nesses lugares onde os vestígios aparecem como sendo Todos-os-Paços, Pacinho, Matela, Agra, Agrela, etc.

Depois da descrição de vestígios da actividade humana em

tanto, de hipóteses e nada nos indica uma identidade territorial, identidade essa que podemos já definir a partir do séc. XIII. Os documentos mais antigos que encontrei onde o nome de Vila Chã é usado, são precisamente as inquirições de D. Afonso II (1220) e nas de Afonso III (1258). Nessas inquirições surge o nome de *Sancto Johanne de Villan Plano*, onde nos diz que o rei não tinha reguengos, tendo a igreja sesmarias, que pertenciam ao Mosteiro de Palme, de São Romão do Neiva e de S. Paio de Antas. Nesta época Vila Chã seria constituído por 19 casais, pertencendo a Palme 10 casais, a S. Romão 3 casais e a S. Paio d'Antas 6 casais; todos estes pagavam foros menos a Quinta de Petro Capero e a de Gonçalo Picon, e que eram constituídos por cabritos, leitões, galinhas e ovos. Davam ao rei 33 maravedis, dois carneiros e galinhas, cada casal, levando esses foros ao Castelo do Neiva. Pertenceu à casa de Bragança até cerca de 1836.

Quanto à evolução do seu nome, diremos que sofreu como toda a língua latina evoluções, passando de *Sancto Johanne de Villan Plano*, para Vila-Chã da seguinte maneira: SANCTO JOHANNÉ é o santo patrono (S. João) e que deixou há bem pouco tempo de fazer parte do nome da freguesia, VILLAR PLANO - VILLAR - CHANO - VILAR - CHÃO - VILA - CHÃO - VILA - CHÃ, nome que tem a ver com a topografia pois que se si-

Citemos um pouco a tradição: «Batidos os muçulmanos nos plainos de S. Lourenço onde então tinham seu assento no povoado, ficou o campo juncado de cadáveres e muitas das cabanas reduzidas a cinzas.

Os velhos, as mulheres e as crianças que se haviam refugiado nos bosques, quando tempos depois procuraram o abrigo das suas habitações, e as viram servindo de cemitério a insepultos cadáveres, foram procurar abrigo nas selvas de uma chã silvada a norte, começando aí um pequeno vilar, isto é: um acoutamento de vilões sujeitos à soberania dos vermelhos (experientes guerreiros, temidos e além disso ricos senhores).

Daí a origem da moderna Vila Chã - a vilar planum medieval. E o local onde outrora havia florestas e espessos matagais está, há muitos séculos, convertido em agras produtivas.

M. BOAVENTURA.
SOLAR DOS VERMELHOS,
I edição, 1909.

Transcrevemos, com a devida vênia, do "JORNAL DE ESPOSENDE"

"Conselhos e compes de água" diz a sabedoria popular - "nãp se oferecem; dão-se a quem no-los pedir".

E difícil para nãa adultos, tomar consciência dos aspectos mais quotidianos da nossa vida; não nos surpreendem o suficiente para despertar a nossa atenção.

A criança, no entanto, tem um olhar novo sobre o mundo, tudo lhe interessa e aprende constantemente.

Ela é, como os pais e irmãos, uma pessoa, um "sujeito" animado de dinamismo próprio que procura o seu caminho, a sua "realização" dentro de um determinado contexto. Necessariamente encontrará obstáculos pelo caminho, e são eles muitas vezes que suscitam os seus progressos quando não ultrapassam as suas forças. Mas o segredo do seu desenvolvimento não está nos acidentes do caminho: é interior, e, para o compreendermos, não temos outro ponto de apoio senão a nossa própria experiência subjectiva, que é da mesma natureza.

MOVIMENTO RELIGIOSO

(continuação da pag 5)

Setembro 6 - FERNANDO SAMPAIO RIBEIRO natural de Vila Chã e MARIA DOS ANJOS JORGE PIRES, também de Vila Chã o casamento realizou-se na Capela de S. Lourenço.

- JOSE BERNARDO ULRICH FERREIRA, natural e residente em Vila Nova de Gaia e MARGARIDA MARIA BARBOSA DE VASCONCELOS PORTO, natural e residente em Cedofeita, Porto.

Setembro 13- Na capela de S. Lourenço, PAULO JORGE OLIVEIRA, natural de Santa Maria Maior-Viana do Castelo e FILOMENA MARIA CUBELO DE FARIA MORAIS, natural de Fão.

PARTIU PARA JUNTO DO PAI DE TODOS NÓS

Setembro 14 - João Carlos Neiva da Silva, filho de Carlos Boaventura da Silva e de Amélia Penteado Neiva Boaventura da Silva.

SABEDORIA POPULAR

- Em Setembro planta, colhe e cava, que é mês para tudo.
- S. Miguel (29) soalheiro, enche o celeiro.
- Se houver nozes guarda lenha para o Inverno.
- Em tempos de figos não há amigos.

Ao publicarmos este nº de "MAIS ALTO" ainda vivemos sobre o rescaldo da Festa de S. Lourenço que se realizou nos dias 12, 13 e 14.

A primeira impressão, do modo como decorreram todos os números da festa, é positiva. Parece-nos que a comissão quis assumir todas as responsabilidades e preocupou-se para que tudo corresse bem. Julgo terem conseguido o que pretendiam.

Contamos no próximo número dizer mais alguma coisa.

Por sua vez as obras previstas na Capela de S. Lourenço e custeadas com o saldo das festas de 1978 e 1979, encontram-se concluídas. Bem haja a quem se preocupou e trabalhou.

Para o próximo ano seria conveniente não descurar este assunto de obras. Algumas coisas mais, não são só úteis, mas são necessárias. Assim, é preciso uma porta para a sacristia, mobiliário, simples mas funcional, para a mesma, tijoleira para o chão ...

Quando os homens querem as obras surgem.

Centro Paroquial

Recebemos mais as seguintes ofertas para as nossas obras.

Antônio Ferreira Ramos	1.000\$00
Delmiro Barbosa (mais)	300\$00
Eduardo Neves Branco	500\$00
Manuel da Torre Sã (mais)	1.000\$00
Transporte do nº anterior	390.056\$10

Total ----- 392.856\$10

Não se efectuaram mais pagamentos, desde a última publicação de "Mais Alto", continuando por pagar o que apontavamos por essa ocasião. Se ainda não fizeste a tua oferta, é a hora.

AMIGOS DE «MAIS ALTO»

Fizeram as suas ofertas para "MAIS ALTO" os amigos:

- Com 100\$00 - M^ã Augusta Miranda Gonçalves, Porfírio da Silva e Sã, Joaquim Gonçalves Junior, Manuel Pires da Torre.
- Com 200\$00 - Delmiro Barbosa.
- Com 500\$00 - Fernando Pires da Torre, Antônio Ferreira Ramos, Arlindo da Silva Coutinho, Eduardo Neves Branco, Jorge da Torre Neiva, Ramiro da Silva e Sã.
- Com 800\$00 - Manuel da Torre Sã
- Com 1.000\$00 - Fernando Ferreira Pires, Maria Augusta Lisboa Pires.
- Com 100 francos - Maria de Fátima Torre de Sã.

A todos bem haja e muito obrigado. "Mais Alto", por vós e para vós, continuará.

Temos vindo, desde há muito, a dizer e insistir na necessidade que os noivos têm de se prepararem bem, para o seu casamento. Apesar disso, fez-se em Esposende, em Abril/Maio passados, um curso para noivos e para a maior parte passou despercebidamente. No interrogatório que se faz na preparação do processo para o casamento, pergunta-se a determinado passo: - Frequentou algum curso de noivos ? Desejaria frequentá-lo?

A resposta dos nossos noivos é sempre pela negativa, à primeira pergunta. À segunda, costumam dizer estarem interessados se tivessem conhecimento. O interesse será só nesse momento !...

Aqui fica o aviso:

De 26 de Outubro a 30 de Novembro, aos domingos de manhã, realizar-se-á um novo curso de preparação para o Matrimónio, em Esposende. Os pares de noivos que pensam em casar até Maio próximo, devem fazer, quanto antes, junto do pároco da freguesia a sua inscrição para este curso.

Depois não digam que não sabiam. Não digam também que não sabem se vão casar neste espaço de tempo, pois que o casamento é coisa muito séria^{em} que não se deve pensar apressadamente. Ninguém deveria dar passo tão importante na vida, sem fazer esta preparação.

INFORMAÇÃO

Como é do conhecimento público, a quando da morte do conterrâneo António Ferreira da Silva, em França, foram os emigrantes que se cotizaram, a fim de pagarem todas as despesas, ocorrentes com a transladação do corpo para Portugal, bem como todas as outras ocorrentes com o funeral.

É de louvar esta iniciativa. Mais ainda porque a verba angariada, pagou todas as despesas, deu para celebrar missas por alma do defunto e ainda sobraram 20.000\$00. Os responsáveis por angariação de fundos, cujas contas e respectivas facturas se encontram à disposição de quem quiser consultar, decidiram oferecer, sufragando a alma do António e por intenção de todos os ofertantes, duas colunas em pedra, que serão colocadas junto da Fonte Baptismal. Numa será colocado o Círio, símbolo da Fé ; na outra será colocado a jarra com as flores.

Assim ainda ficará mais bela a nossa Igreja e nomeadamente o recinto da Fonte Baptismal.

É de louvar, também, esta iniciativa dos responsáveis que não sendo o dinheiro seu e depois de cumprida toda a missão de que foram incumbidos, souberam dar destino digno ao sobranço. Tantas coisas belas se poderiam fazer se tantas migalhas fossem juntas, resultantes de sobras de tantas coisas públicas.

Bem haja aos emigrantes.

Bem haja aos responsáveis.

Nota Pastoral sobre as próximas eleições

(Continuado da pág.10)

Na formação da sua consciência política os cristãos nunca hão-de deixar de ter em conta os valores do Evangelho e a doutrina social da Igreja. Por isso, não lhes é lícito dar o voto a partidos ou pessoas que se propõem realizar projectos de sociedade incompatíveis com a fé, nomeadamente os de inspiração e conteúdo materialista, como são o colectivismo marxista ateu e o puro capitalismo liberal. /.../

O voto que procede de uma consciência livre e esclarecida só pode ser dado a quem realmente se proponha servir a democracia e o bem comum de todos os cidadãos. A democracia, apesar das deficiências dos regimes concretos que a praticam, é valor de tal modo importante que exige ser sempre promovido e defendido. Como já tivemos ocasião de dizer, a forma democrática do Estado é, quando sã e verdadeira, aquela que na doutrina da Igreja se considera a mais adequada à condigna e livre participação do homem na vida da sociedade. Merece, pois, repúdio o totalitarismo, sob qualquer das suas modalidades, porque priva os cidadãos, em benefício do Estado, daquele espaço de liberdade indispensável às pessoas

e às Instituições para se realizarem segundo os seus fins e valores específicos. Um regime totalitário jamais poderá constituir resposta adequada às grandes carências de desenvolvimento material e espiritual do povo português.

A dignidade do voto pressupõe, enfim, o respeito de todos pelos resultados eleitorais. São, neste particular, condenáveis quaisquer formas anti-democráticas de obstrução ou de pressão, e ainda mais as acções de rua ou de violência, que estorvem o normal funcionamento do poder legitimado pelos votos. O povo português, dotado de um forte sentido de honra e de justiça, não desculpará facilmente os que assim procedam. /.../

6. Não queremos concluir esta nota pastoral sem um apelo à correcção e ao civismo das próximas campanhas e actos eleitorais.

O povo português tem sabido dar, em todas as eleições anteriores, abundantes provas do alto nível de civismo e nobreza de sentimentos. Estamos persuadidos de que, neste aspecto, o seu comportamento continuará a merecer o apreço do mundo civilizado. /.../

Da Conferência Episcopal Portuguesa

PARA PENSAR

- 1 - Na vida quotidiana, tão sobrecarregada, que espaços existem para os pais :
 - Conversarem com os filhos?
 - Brincarem com eles?
 - Responderem às suas perguntas?
 - Ouvirem as suas experiências?
- 2 - Os pais cristãos preocupar-se-ão com a iniciação dos seus filhos à vida cristã? Ou entregam esse encargo aos outros: à escola ou à catequese?...

- Que importância terá para isso a sua própria preparação?
- A escolha da Escola para os seus filhos levará em conta este aspecto essencial?
- Que ressonância têm encontrado nos seus filhos durante as conversas ligadas à iniciação cristã?
- Procuram transmitir-lhes apenas doutrina, ou essencialmente vida?

Nota Pastoral sobre as próximas eleições

Em 5 de Outubro p.f. o Povo Português é mais uma vez chamado às urnas, para escolher, livre e democraticamente, os seus representantes no Parlamento e conseqüentemente o governo que deseja que o governe.

É um direito e é um dever. Não queremos servir-nos deste órgão, boletim paroquial, para fazer politica ou partidarite. Todavia sendo um boletim de orientação e princípios cristãos, não queremos deixar de publicar, para reflexão de todos, as instruções do Episcopado Português, publicadas em Julho, em Nota Pastoral

1. A realização das próximas eleições legislativas e presidenciais aconselha a que, novamente, proponhamos à consideração dos cristãos e da opinião pública em geral alguns princípios doutrinais de maior relevância nas presentes circunstâncias

... Ao dar o seu voto os eleitores devem ter presente que só deputados competentes e honestos podem constituir um parlamento democrático digno, representativo dos cidadãos, atento aos reais problemas e aspirações do povo, capaz de promover medidas legislativas justas e adequadas ao bem comum. Por outra parte a escolha do Presidente da República (...) requer uma escolha cuidadosa, norteadada pela consideração objectiva dos méritos do candidato e do valor dos princípios que perfilha, bem como pela sua capacidade de bem desempenhar as elevadas funções de primeiro magistrado da nação. /.../

O DIREITO E O DEVER DE VOTAR

3. /.../ Nos regimes democráticos, a eleição dos dirigentes políticos constitui elemento de tão fundamental importância e modo tão acessível de participação directa, que ninguém a pode descurar. Por isso, disse o Concílio: «Lembrem-se todos os cidadãos do direito e simultaneamente do dever que têm de fazer uso do seu voto livre em vista da promoção do bem comum».

O voto é, assim, um direito e um dever: direito, em que se reconhece às pessoas a capacidade de disporem de si próprias e a possibilidade de participarem na vida pública; dever, de cuja observância depende a construção do futuro individual e colectivo. Torna-se, pois, indispensável exercer este direito e cumprir este dever com a maior dignidade possível. Como de outra vez lembrámos, «embora nosso admitir-se a

abstenção em casos excepcionais, que a consciência julgará, todavia deixar de votar por desinteresse, cepticismo ou negligência, é atitude cívica - moralmente censurável». E acrescentávamos: «As eleições foram, e continuam a ser, extremamente importantes, como possibilidade de o povo manifestar o que realmente pensa do tipo de sociedade nova a construir em Portugal».

Ninguém deve, por conseguinte, furtar-se ao cumprimento do dever de votar. Há que combater o abstencionismo por todos os meios legítimos, sobretudo através de um esclarecimento das pessoas, que ponha em relevo a importância do voto e vença o eventual sentimento de desencanto ou frustração ocasionado pelos resultados sociais ou políticos de eleições anteriores.

A DIGNIDADE DO VOTO

4. ... É necessário que o voto seja livre. Votar é assunto de consciência, que não se compadece com manipulações ou pressões abusivas, provenham elas dos dirigentes políticos, dos profissionais da comunicação social ou de quaisquer outras pessoas ou grupos.

A consciência será, porém, tanto mais livre, quanto mais esclarecida e melhor formada estiver. Daqui deriva a obrigação de os eleitores se esclarecerem, antes do voto, acerca dos partidos e dos candidatos em confronto, atendendo não só ao que dizem, mas sobretudo ao que são e ao que fazem. De facto, nem todos os projectos de sociedade e sistemas partidários se equivalem, o que obriga cada cidadão a uma reflexão séria e cuidadosa sobre o partido ou a pessoa a que vai dar o seu voto.